

### SENTIDO NA VIDA NA ADULTEZ EMERGENTE: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

*Meaning in life in emerging adulthood: Contributions to developmental psychology*

*Sentido en la vida en la adultez emergente: Contribuciones para la psicología del desarrollo*

*Signification de la vie à l'âge adulte émergent: Contributions à la psychologie du développement*

10.5020/23590777.rs.v23iEsp. 1.e12968

#### Jessica Particelli Gobbo

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). Psicóloga especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental. Docente, Supervisora e Coordenadora de estágios na instituição Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL - Americana).

#### Leticia Dellazzana-Zanon

É Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre pela mesma instituição. É Especialista em Psicologia Clínica e em Terapia de Família e Casal. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e titular da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) desde 2015.

#### Resumo

A adultez emergente refere-se ao período do desenvolvimento humano entre a adolescência e a vida adulta, do qual fazem parte indivíduos entre 18 e 29 anos. As principais características da adultez emergente são exploração da identidade, instabilidade, autofoco, sentimento de ambivalência e período de possibilidades. Em função das dificuldades e desafios próprios desse período, a saúde mental de adultos emergentes deve ser fomentada. Uma das formas de contribuir positivamente para o aumento e a manutenção da saúde mental dessa população é o desenvolvimento do senso de sentido da vida. Este estudo teórico teve como objetivo apresentar a importância do sentido na vida para o desenvolvimento saudável de adultos emergentes e contribuir para as discussões sobre essa temática à luz da psicologia do desenvolvimento. Para isso, apresentam-se e discutem-se: a definição e a importância da adultez emergente, as especificidades da adultez emergente no contexto brasileiro, as implicações do sentido na vida para a saúde mental de adultos emergentes e os estudos sobre sentido da vida na adultez emergente. Os resultados das pesquisas apresentadas indicam que: a presença do senso de sentido na vida em adultos emergentes está relacionada a processos de crescimento pessoal, autorrealização e funcionamento mental positivo; e que promover sentido na vida nessa população pode fortalecer o compromisso com a própria vida e proteger contra comportamentos de risco. Sugere-se que intervenções que considerem as especificidades da adultez emergente no contexto brasileiro com foco no sentido na vida sejam realizadas, a fim de contribuir para a prevenção e promoção de saúde mental nessa população.

**Palavras-chave:** adultez emergente, sentido na vida, ciclo vital, psicologia do desenvolvimento

#### Abstract

*Emerging adulthood refers to the period of human development between adolescence and adulthood, which includes individuals between the ages of 18 and 29. The main characteristics of emerging adulthood are identity exploration, instability, self-focus, feelings of ambivalence, and a period of possibility. Due to the difficulties and challenges inherent to this period, the mental health of emerging adults must be promoted. One of the ways to positively contribute to increasing and maintaining the mental health of this population is the development of a sense of meaning in life. This theoretical study aimed to present the importance of meaning in life for the healthy development of emerging adults and contribute to discussions on this topic in the light of developmental psychology. To this end, the definition and importance of emerging adulthood, the specificities of emerging adulthood in the Brazilian context, the implications of meaning in life for the mental health*

*of emerging adults, and the studies on meaning in life in emerging adulthood are presented and discussed. The research results indicate that the presence of a sense of meaning in life in emerging adults is related to processes of personal growth, self-realization, and positive mental functioning and that promoting meaning in life in this population can strengthen commitment to life itself and protect against risky behaviors. It is suggested that interventions that consider the specificities of emerging adulthood in the Brazilian context with a focus on meaning in life be carried out to contribute to the prevention and promotion of mental health in this population.*

**Keywords:** *emerging adulthood, meaning in life, life cycle, developmental psychology*

## Resumen

*La adultez emergente se refiere al período del desarrollo humano entre la adolescencia y la vida adulta, de lo cual hacen parte los individuos con edades entre 18 y 29 años. Las principales características de la adultez emergente son exploración de la identidad, inestabilidad, autofoco, sentimiento de ambivalencia y período de posibilidades. En función de las dificultades y retos propios de este período, la salud mental de adultos emergentes debe ser fomentada. Una de las formas de contribuir positivamente para el aumento y el mantenimiento de la salud mental de esta población es el desarrollo de la noción de sentido de vida. Este estudio teórico tuvo como objetivo presentar la importancia del sentido de la vida para el desarrollo sano de adultos emergentes y contribuir para las discusiones sobre esta temática a la luz de la psicología del desarrollo. Para esto, se presentan y se discuten: la definición e importancia de la adultez emergente, las especificidades de la adultez emergente en el contexto brasileño, las implicaciones del sentido de la vida en la adultez emergente. Los resultados de las investigaciones indican que: la presencia de la noción de sentido de la vida en adultos emergentes está relacionada al proceso de crecimiento personal, autorrealización funcionamiento mental positivo; y que promover sentido en la vida en esta población puede fortalecer el compromiso con la propia vida y proteger contra comportamientos de riesgo. Se sugiere que intervenciones que consideran las especificidades de la adultez emergente en el contexto brasileño con enfoque en el sentido de la vida sean realizadas, con objetivo de contribuir para la prevención y promoción de la salud mental en esta población.*

**Palabras clave:** *adultez emergente, sentido en la vida, ciclo vital, psicología del desarrollo*

## Résumé

*L'âge adulte émergent désigne la période de développement humain entre l'adolescence et l'âge adulte, dont les individus âgés de 18 à 29 ans font partie. Les principales caractéristiques de l'âge adulte émergent sont l'exploration de l'identité, l'instabilité, la concentration sur soi, le sentiment d'ambivalence et la période des possibilités. En raison des difficultés et des défis de cette période, la santé mentale des adultes émergents doit être promue. L'un des moyens de contribuer positivement à l'augmentation et au maintien de la santé mentale de cette population est le développement d'un sens à la vie. Cette étude théorique visait à présenter l'importance du sens à la vie pour le développement sain des adultes émergents et à contribuer aux discussions sur cette thématique à la lumière de la psychologie du développement. À cette fin, les éléments suivants sont présentés et discutés: la définition, l'importance, les spécificités de l'âge adulte émergent dans le contexte brésilien, les implications du sens à la vie pour la santé mentale des adultes émergents, ainsi que les études sur le sens à la vie dans cette période. Les résultats de la recherche présentés indiquent que la présence d'un sens à la vie chez les adultes émergents est liée aux processus de croissance personnelle, à la réalisation de soi, et au fonctionnement mental positif; aussi que la promotion du sens à la vie dans cette population peut renforcer l'engagement envers leur propre vie et protéger contre les comportements à risque. Il est suggéré que des interventions tenant compte des spécificités de l'âge adulte émergent dans le contexte brésilien, en mettant l'accent sur le sens à la vie, soient menées afin de contribuer à la prévention et à la promotion de la santé mentale dans cette population.*

**Mots-clés:** *âge adulte émergent, sens à la vie, cycle de vie, psychologie du développement*

---

Desde o início dos anos 2000, um período específico do desenvolvimento humano entre a adolescência e a vida adulta, tem sido descrito na literatura: a adultez emergente. Esse período do desenvolvimento refere-se aos indivíduos entre 18 e 29 anos de idade e engloba adultos jovens com características contextuais específicas, que se distinguem da adolescência: (a) idade da exploração de identidade, (b) idade da instabilidade, (c) idade do autofoco, (d) idade do sentimento de ambivalência e (e) idade das possibilidades (Arnett, 2000, 2004). Em função das dificuldades associadas à adultez emergente, uma preocupação dos estudiosos sobre essa temática tem sido gerar contribuições para fomentar a saúde mental das pessoas que vivenciam esse período de desenvolvimento.

Nesse sentido, evidências indicam que o sentido na vida pode contribuir de forma positiva para o desenvolvimento de adultos emergentes (García-Alandete et al., 2018; Garcini et al., 2013; Steger et al., 2009). Este estudo teórico teve como

objetivo apresentar a importância do sentido na vida para o desenvolvimento sadio de adultos emergentes e contribuir para as discussões sobre essa temática à luz da psicologia do desenvolvimento. Para isso, apresentam-se brevemente: (a) a definição de aduiter emergente e suas especificidades no Brasil, (b) a definição de sentido na vida e suas implicações para a saúde mental, e (c) resultados de estudos sobre sentido na vida em adultos emergentes. Dessa forma, procura-se contribuir com o campo da psicologia do desenvolvimento por meio da implicação do senso de sentido na vida para a saúde mental de adultos jovens.

Ao olhar para a vida humana, é possível observar uma sequência de eventos que podem ser configurados em estágios, existentes desde o nascimento, até morte. A passagem por esses estágios do desenvolvimento humano exige o cumprimento de tarefas específicas, o que desencadeia um processo de transição qualitativa de habilidades para lidar com as exigências de cada estágio (Aspesi et al., 2005). A ciência do desenvolvimento se propõe a entender e a estudar, de forma interdisciplinar, os fenômenos relacionados com o percurso do desenvolvimento humano, englobando desde os processos biológicos do organismo até as mudanças socio-históricas ao longo do tempo (Magnusson & Cairns, 1996).

Sob a ótica da perspectiva interdisciplinar, é importante considerar a pessoa-contexto em um tempo-espaço, desde a concepção até a morte, levando em consideração o percurso das gerações anteriores e posteriores (Aspesi et al., 2005). Deve-se considerar também a cultura na qual as pessoas se desenvolvem, pois o estudo do desenvolvimento humano ainda é fortemente dominado por uma perspectiva ocidental ou eurocêntrica e, portanto, etnocêntrica (Dasen & Mishra, 2000). Nesse sentido, as particularidades do contexto brasileiro devem ser analisadas em estudos que se propõem a retratar o ciclo vital no país.

### **Adulter emergente: Definição e importância**

A atual geração de jovens (nascidos a partir da década de 1980) possui características peculiares se comparada às anteriores (Dutra-Thomé et al., 2016). Essas características são decorrentes de mudanças econômicas, culturais e políticas observadas dentro da sociedade, que surgiram nas últimas décadas (Mendonça & Fontaine, 2013). Como consequências dessas mudanças, tem sido difícil delimitar marcadores fixos que expliquem a entrada na vida adulta, como a conclusão dos estudos, o ingresso no mundo do trabalho, a saída da casa dos pais, o casamento e a parentalidade (Mendonça et al., 2009).

Devido ao cenário político, econômico e social atual, o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e complexo, o que faz com que o percurso escolar seja cada vez mais longo e a inserção laboral mais tardia (Arnett et al., 2018). Isto posto, a dependência dos pais por parte dos jovens prolonga-se, o que, conseqüentemente, altera a sequência normativa de eventos que marcam a entrada na vida adulta. Segundo Gottlieb et al. (2007), os três critérios mais importantes para atingir o status de ser adulto no decorrer da idade adulta emergente são gradualmente atingidos quando os indivíduos aceitam a responsabilidade por si mesmos, tomam decisões independentes e tornam-se financeiramente independentes.

A aduiter emergente foi inicialmente descrita por Arnett (2000, 2004) no início dos anos 2000 para explicar o prolongamento da transição para a vida adulta, observável em jovens de níveis socioeconômicos mais favorecidos, sobretudo, no contexto urbano de países industrializados. Uma das primeiras contribuições teóricas para o desenvolvimento da conceitualização da aduiter emergente surgiu muito antes, nos trabalhos de Erik Erikson, publicados no final da década de 1960 (Monteiro et al., 2009). Mesmo que ele não tenha especificado uma etapa concernente à aduiter emergente em sua teoria sobre o desenvolvimento humano, Erikson se referiu ao conceito de adolescência prolongada, típica das sociedades industrializadas, e à moratória psicossocial “durante a qual o adulto jovem, mediante a livre experimentação de papéis, pode encontrar um nicho em alguma parte de sua sociedade” (Erikson, 1968, p. 156). Erikson reconheceu a existência de um período do desenvolvimento humano situado entre a adolescência e a aduiter, no qual há o adiamento de responsabilidades e a experimentação intensificada de papéis típicos do adulto (Monteiro et al., 2009). Tanto os argumentos de Erikson como os de Arnett enfatizam a importância de se caracterizar a aduiter emergente como um período distinto da adolescência e da vida adulta.

Enquanto não há um consenso sobre quando começa e quando termina a adolescência (Smetana, 2010), a aduiter emergente foi inicialmente descrita como o período entre os 18 e os 25 anos (Arnett, 2000). Estudos mais recentes sobre a temática têm indicado que a aduiter emergente vai até os 29 anos (Dutra-Thomé & Koller, 2014, 2019; Leme et al., 2021; Nuñez et al., 2021), o que sugere que esse período de transição tem se estendido com a passagem do tempo. Entretanto, deve-se salientar que, assim como ocorre com a adolescência, a aduiter emergente é um período culturalmente construído, não é universal e nem imutável (Arnett, 2000).

De acordo com Arnett (2000, 2004), a aduiter emergente possui cinco características específicas: (a) idade da exploração de identidade, (b) idade da instabilidade, (c) idade do autofoco, (d) idade do sentimento de ambivalência e (e) idade das possibilidades. A idade da exploração da identidade refere-se a fazer escolhas importantes nos âmbitos cruciais da vida, como o amoroso e o laboral, na tentativa de integrar os interesses e preferências pessoais com as oportunidades disponíveis. O adulto emergente se permite experienciar vários tipos de relacionamentos afetivos, mudanças de rumo na formação educacional e profissional, pois muitos deles ainda vivem com os pais e têm deles respaldo financeiro (Arnett, 2000, 2004).

A idade da instabilidade refere-se às experiências inconstantes vividas pelo adulto jovem ao explorar a identidade que geram sentimentos de instabilidade. Essas experiências estão relacionadas às mudanças frequentes de relacionamento afetivo, educação, trabalho e moradia. Por exemplo, a mudança de cidade em função da universidade mudará o entorno e as pessoas com as quais o adulto jovem convive. Seus pais não serão mais sua companhia, que poderá ser substituída pelos amigos de república ou do alojamento universitário, quando não forem morar sozinhos. Assim, conflitos com as pessoas com quem compartilham a nova moradia ou impossibilidades de assumir viver sozinhos podem acarretar sentimentos de instabilidade (Arnett, 2000, 2004).

A idade do autofoco refere-se à oportunidade do adulto jovem de tomar decisões de forma independente em função de ter menos compromissos de longo prazo nesse período da vida, como não estar casado e não ter um emprego definitivo. O autofoco refere-se também à redução do controle social sobre o adulto jovem, uma vez que a presença constante dos pais, responsáveis e ou professores para lhe dizer como proceder e para estabelecer regras e sanções ao seu comportamento, não existe mais. Ao mesmo tempo, os novos vínculos com os parceiros afetivos, da universidade e ou do trabalho exigem mais comprometimento e desempenho de posturas adultas (Arnett, 2000, 2004). Essa liberdade para tomar decisões mais independentes, sem a autorização ou consentimento de outras pessoas como ocorria na infância e na adolescência, é fundamental para adquirir experiência e se preparar para a vida adulta.

A idade do sentimento de ambivalência refere-se ao fato de que o adulto jovem não se sente inteiramente adolescente nem inteiramente adulto, apresentando características de ambas as fases do desenvolvimento. É o período em que eles se sentem na transição de uma fase para a outra, como se estivessem a emergir na idade adulta, embora ainda sem se sentirem completamente adultos. O sentimento de ter atingido a idade adulta demora a ser alcançado e requer uma transição gradual. Os critérios segundo os quais os indivíduos passam a se considerar adultos são representados por marcadores alcançados cada vez mais tarde, como a conquista da autonomia financeira (Arnett, 2004).

A idade das possibilidades diz respeito ao fato de que, em função da maior liberdade para fazer mudanças profundas em suas vidas, os adultos emergentes acreditam que conquistarão a vida que idealizam. Mesmo que a sua vida não corresponda, no momento presente, ao que desejam, nessa fase, adultos emergentes têm uma visão positiva de que tudo funcionará bem a longo prazo e muitas expectativas positivas em relação ao futuro (Arnett, 2000, 2004), o que contribui para que eles desenvolvam resiliência para viver os desafios desse período de forma positiva e com autonomia (Masten et al., 2006). Assim, mesmo em uma família ou contexto social mais empobrecido ou patogênico existe a possibilidade de que os adultos jovens tomam uma direção mais saudável em suas vidas (Arnett, 2000, 2004).

A adultez emergente tem recebido algumas críticas (Bynner, 2005; Côté & Bynner, 2008). Questiona-se, por exemplo, se a adultez emergente é realmente um estágio do desenvolvimento humano ou um sintoma de uma nova sociedade (Brandão et al., 2012) e se o desenvolvimento desse construto apenas posterga o reconhecimento do início da vida adulta, na medida em que os marcadores da passagem para a vida adulta demoram mais para se consolidar (Kublikowski & Rodrigues, 2016). Independentemente desses questionamentos, a entrada na idade adulta tem acontecido mais tarde e com características específicas na contemporaneidade, o que tem sido observado também no Brasil.

### **Especificidades da adultez emergente no contexto brasileiro**

O estudo da adultez emergente no Brasil é um desafio devido aos seus contrastes socioeconômicos e sua classificação ambígua entre país desenvolvido e em desenvolvimento, o que pode impactar no fenômeno de maneira única e diferente de outros países (Arnett et al., 2018; Brandão et al., 2012; Dutra-Thomé & Koller, 2014). Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2015), o Brasil não é considerado um país desenvolvido, porém, não se encaixa bem como um país em desenvolvimento, por ser mais rico do que a maioria dos países em desenvolvimento.

A despeito de o Brasil ser um país com características socioeconômicas distintas do contexto da América do Norte e europeu, principalmente no que diz respeito a políticas de apoio social e educacional – que estão longes de serem generalizadas a toda população –, é possível identificar traços comuns que consolidam o surgimento de uma nova passagem para a fase adulta, especialmente em determinados estratos sociais do país (Brandão et al., 2012).

Em função dos contextos de vulnerabilidade, a transição para a adultez emergente acontece no Brasil sob a exposição de diversos fatores de risco, que podem impactar de forma negativa o desenvolvimento dos adultos jovens (Niquice et al., 2018). Cenários vulneráveis de desenvolvimento normalmente são acompanhados de exclusão social e falta de acesso a recursos básicos de sobrevivência, como saneamento, educação de qualidade, formação profissional e emprego (Murray, 2003). A maioria dos jovens brasileiros vive nesses contextos caracterizados por adversidades, o que faz com que se insiram precocemente no mercado de trabalho e conciliem trabalho com estudos (Dutra-Thomé & Koller, 2014, 2019). Adultos emergentes provenientes de níveis socioeconômicos baixos tendem a assumir maiores responsabilidades adultas precocemente (trabalhar para ajudar com a renda familiar, casar e morar sozinho), o que dificulta a vivência de um período mais exploratório

de suas identidades. Por outro lado, existe maior probabilidade de se considerarem plenamente adultos, pois não possuem a característica do sentimento de ambivalência da adulterez emergente (Dutra-Thomé & Koller, 2014).

Em um estudo recente, Dutra-Thomé e Koller (2019) investigaram a vivência, ou não, da adulterez emergente de brasileiros de níveis socioeconômicos diferentes. Os resultados do estudo indicaram que, embora ambos os grupos experienciem a adulterez emergente, os de níveis socioeconômicos baixos seguem um curso diferente até a idade adulta, com uma moratória tardia, e os de níveis socioeconômicos altos são mais propensos a experimentar todas as características de adulterez emergente, como observado em países industrializados. Outro resultado interessante refere-se à característica da exploração da identidade: os adultos jovens de níveis socioeconômicos mais altos têm mais tempo para refletir sobre quem são e o que querem se tornar, pois desfrutam de uma condição financeira melhor e não precisam, necessariamente, se inserir no mercado de trabalho enquanto estudam. Essa população tem maior probabilidade de obter educação superior durante a adulterez emergente, é menos propensa a estar desempregada e a casar e ter filhos mais tarde. Os resultados desse estudo indicam que a situação socioeconômica impacta nas trajetórias do desenvolvimento da população jovem do país e que jovens de diferentes níveis socioeconômicos vivenciam a adulterez emergente, porém de forma diferente, assim como evidenciado em outros estudos (Arnett, 2004, 2006, 2011; Dutra-Thomé & Koller, 2014).

De acordo com Dutra-Thomé e Koller (2019), a transição para a vida adulta dos brasileiros pode ser resumida em dois modelos: o tradicional e parcial. O modelo tradicional é composto por indivíduos que já concluíram os estudos, estão trabalhando, saíram da casa dos pais e se tornaram donos da própria casa (com ou sem companheiros e filhos). O modelo parcial é composto por indivíduos que já saíram da escola e estão trabalhando, mas ainda moram com os pais (Dutra-Thomé & Koller, 2019). No Brasil, assim como ocorre em outros países latinos e asiáticos (Facio et al., 2007; Zhong & Arnett, 2014), a transição para a vida adulta é afetada pelo fenômeno do familismo, que pode ser explicado como a vontade de ser próximo e/ou manter um relacionamento próximo com os pais (Dutra-Thomé & Koller, 2019). Apesar de terem condições financeiras de morarem sozinhos, muitos desses jovens optam por residir com a família, o que reforça a ideia de familismo no país e de que, para eles, atingir a idade adulta não está relacionado a deixar a casa dos pais (Camarano et al., 2004).

Estudos realizados no Brasil no começo dos anos 2000 – período em que a adulterez emergente começou a ser descrita nos Estados Unidos – denominaram de geração canguru os adultos jovens que permanecem na casa dos pais apesar de já terem idade para irem em busca de sua autonomia (Henriques et al., 2004). Nessa mesma época, estudiosos das relações familiares no Brasil chamaram atenção para o fenômeno do ninho cheio, descrito como a permanência dos filhos adultos na casa dos pais e do prolongamento da convivência familiar parental (Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2012). Evidências de estudos realizados em capitais como Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo indicam que adultos jovens de classes médias urbanas e escolarizadas se diferenciam da geração de seus pais pelo adiamento da saída de casa, pelo recebimento de alto investimento educacional e pela demora em se inserirem no mercado de trabalho (Silveira & Wagner, 2006).

A permanência no núcleo familiar descrita tanto na geração canguru como no ninho cheio é justificada pelo conforto, pela vontade de manter o status social e pela oportunidade de exploração e investimento pessoal, possíveis devido ao apoio financeiro parental e ao desejo de se inserir em cargos profissionais que permitam a manutenção do nível social da família de origem (Galambos & Martínez, 2007; Henriques et al., 2004; Kublikowski & Rodrigues, 2016; Vieira & Rava, 2012). As consequências dessa permanência prolongada na casa dos pais podem dificultar o desenvolvimento do adulto jovem e a sua consequente emancipação física e emocional da família de origem (Silveira & Wagner, 2006).

A geração canguru e o ninho cheio são fenômenos identificados em pesquisas nacionais concernentes aos adultos jovens que podem ajudar a exemplificar a adulterez emergente no Brasil. Nesse sentido, é interessante notar que, apesar de receberem denominações diferentes, esses fenômenos se referem, em parte, a mesma situação e começaram a ser descritos no final da segunda metade do século XX, o que sugere nova tendência em relação ao comportamento de adultos jovens e suas famílias no país.

Independentemente das questões familiares e do nível socioeconômico, as mudanças sociais que vêm acontecendo no Brasil impactam no modo como os adultos jovens se desenvolvem dentro da sociedade. Compreender os impactos dessas mudanças a partir da ótica da psicologia do desenvolvimento pode ajudar na construção de estratégias preventivas e interventivas para a promoção e manutenção da saúde dessa população. Nesse sentido, a forma como ocorre a transição para a vida adulta e a inserção no mercado de trabalho podem impactar a saúde mental dessa população. Um dos aspectos que pode trazer benefícios para a saúde mental de adultos emergentes é o senso de sentido na vida (García-Alandete et al., 2018; Garcini et al., 2013).

### **Sentido na vida: Implicações para a saúde mental de adultos emergentes**

O ser humano é a única criatura que tem consciência sobre a morte, assim como também questiona, desde o início da sua existência, o sentido da própria vida e tenta torná-la mais significativa (Dogan et al., 2012). Neste estudo, em consonância com Steger (2012), compreende-se o sentido na vida a partir do modelo tridimensional, que envolve as seguintes características:

(a) sentir que sua vida é importante, componente cognitivo; (b) dar sentido à sua vida, componente motivacional; e (c) determinar um propósito mais amplo para sua vida, componente afetivo. O sentido na vida está relacionado à percepção e à experiência da liberdade e da responsabilidade, bem como à autodeterminação, percepção positiva de si mesmo, da vida, e do futuro, realização de objetivos existenciais, aceitação de adversidades, satisfação com a vida e autorrealização (García-Alandete et al., 2018).

O interesse pelo estudo do sentido na vida originou-se a partir da Segunda Guerra Mundial com o neurologista e psiquiatra vienense Viktor Frankl (Dogan et al., 2012), considerado uma inspiração para os pesquisadores do tema. Frankl (1963) argumentou que as pessoas vivem melhor quando percebem um senso ou uma noção de sentido e possuem um propósito, uma missão única pela qual lutar ao longo da vida. Para ele, o sentido na vida é provavelmente a motivação mais importante do ser humano (Frankl, 2010). Os valores atribuídos às experiências (amar as pessoas, contemplar a natureza e as obras artísticas), à criatividade (criar algo para o mundo) e às atitudes (tomar posições em situações imutáveis de sofrimento) orientam a existência dos seres humanos e fornecem direção para a vida (Frankl, 2010).

A definição do conceito sentido na vida passou pelo estudo de diversos autores. De acordo com King et al. (2006, p. 180), "as vidas podem ser experimentadas como significativas quando são consideradas importantes para além do trivial ou momentâneo, para ter um propósito ou para ter uma coerência que transcende o caos". Ao longo dos anos, o construto sentido na vida foi descrito em diferentes dimensões. Sendo assim, duas principais dimensões foram elaboradas para facilitar o entendimento e para compreender o conceito de sentido na vida: coerência e propósito (Steger et al., 2009). A coerência diz respeito à compreensão ou ao sentido da vida; enquanto o propósito está relacionado aos objetivos e às aspirações fundamentais da vida (Steger et al., 2009). A partir de novos estudos, uma terceira dimensão foi acrescentada, de forma que o caminho para entender o significado do conceito de sentido na vida pode ser compreendido a partir da presença: (a) de valor e significado da vida, dimensão coerência; (b) de um propósito amplo na vida, dimensão propósito; e (c) de coerência e sentido na vida, dimensão significância (Heintzelman & King, 2014; Steger et al., 2009).

Para além das dimensões do construto, Reker e Wong (2012) descrevem três componentes estruturais que facilitam o desenvolvimento do construto sentido na vida: (a) o cognitivo – percepção de sentido, (b) o motivacional – busca e concretização de metas e objetivos significativos, e (c) o afetivo – sensação de realização e felicidade. O componente cognitivo consiste em entender o sentido de experiências na vida, ou seja, as pessoas poderem avaliar a coerência de suas ações relacionadas aos seus sistemas de valores pessoais. O componente motivacional do construto trata da busca e da consecução de objetivos que valem a pena, ou seja, os propósitos. Por fim, o componente afetivo se refere a sentimentos de satisfação, realização e felicidade que acompanham a realização de um determinado objetivo.

Evidências indicam que o sentido na vida pode ser considerado um preditor de felicidade, considerada, em parte, consequência de uma vida coerente, pautada na busca e na concretização de objetivos pessoais (Krok, 2018). A construção do sentido na vida deve estar conectada ao desenvolvimento individual e é muito provável de acontecer em consonância com outros processos que fazem parte do desenvolvimento humano, como a construção da identidade, de relacionamentos e de projetos de vida (Steger et al., 2009). Diversos estudos enfatizam a importância do desenvolvimento do senso de sentido na vida no contexto internacional, especialmente durante a adolescência e a adultez emergente (Dezutter et al., 2014; Hill et al., 2016; Kleftharas & Psarra, 2012; Steger & Kashdan, 2007), em função do caráter transicional e da natureza desses períodos de desenvolvimento nas sociedades ocidentais (Kins et al., 2009; Mayselless & Keren, 2014).

Evidências indicam que o sentido na vida é um marcador formativo do funcionamento positivo do ser humano (Steger et al., 2009), aumenta a satisfação e o bem-estar psicológico e pode ser um fator de proteção para a saúde mental (Psarra & Kleftharas, 2013; Santos et al., 2012; Steger et al., 2011). Os resultados do estudo de García-Alandete (2014), por exemplo, cujo objetivo foi analisar a relação entre sentido na vida e bem-estar psicológico em uma amostra de 180 universitários espanhóis, mostraram que o sentido na vida é um preditor de bem-estar psicológico. Experimentar que a vida tem um sentido implicaria na quantidade de objetivos e metas vitais, na autoaceitação pessoal, no domínio ambiental, nos relacionamentos interpessoais positivos, no crescimento pessoal e na autonomia (García-Alandete, 2014). Por outro lado, a falta de sentido na vida pode gerar consequências negativas (Damásio & Koller, 2015) como desesperança, depressão, dependência de substâncias, comportamentos de autolesão e suicídio (García-Alandete et al., 2014; Kleiman & Beaver, 2013).

As transições da vida implicam grandes mudanças em contextos e em papéis sociais, que podem contribuir para alterações na saúde mental e no desenvolvimento de psicopatologias (Schulenberg et al., 2004). Nas últimas duas décadas, a adultez emergente ganhou considerável atenção nas pesquisas sobre saúde pública por ser uma das fases do desenvolvimento humano mais permeadas por desafios e dificuldades (Baggio et al., 2016). No entanto, a relativa falta de atenção dada ao período que antecede a adultez nas teorias e investigações empíricas sugere que os eventos e experiências que constituem a transição para a idade adulta são relativamente irrelevantes para o curso da psicopatologia e da saúde mental (Schulenberg et al., 2004). Assim, apesar das experiências iniciais da infância serem críticas e merecerem toda a atenção que recebem, suas influências

sobre uma possível psicopatologia e na saúde mental posteriores, provavelmente são mediadas e, às vezes, revertidas por experiências tidas na idade adulta (Curtis & Cicchetti, 2003; Sroufe, Carlson, Levy & Egeland, 1999).

Poucos estudiosos da área de psicopatologia e da saúde mental argumentariam que o período entre a adolescência e a idade adulta é simplesmente um meio passivo e tranquilo pelo qual os indivíduos passam intocados (Schulenberg et al., 2004). No que diz respeito ao bem-estar psicológico e à saúde mental, os adultos emergentes correm maior risco de desenvolverem distúrbios psiquiátricos (Kessler et al., 2005). Nos Estados Unidos, a incidência de transtornos psiquiátricos é 40% maior em pessoas com idade entre 18-29 anos, mais do que em pessoas em qualquer outra faixa etária, especialmente para transtornos de ansiedade, transtornos do humor e uso indevido de substâncias (Arnett et al., 2014). Apesar desses dados estarem embasados na literatura internacional, eles acendem um alerta para a necessidade de pesquisadores brasileiros interessados no curso do desenvolvimento humano darem mais ênfase à saúde mental de adultos emergentes.

### **Estudos sobre sentido na vida na adulterez emergente**

Apresentam-se a seguir alguns resultados de estudos que enfatizam a importância de estudar sentido na vida em adultos emergentes. Em um estudo cujo objetivo foi analisar a correlação entre sentido na vida, satisfação com a vida e busca por sentido, 82 participantes com idades entre 19 e 29 anos completaram medidas objetivas sobre essas variáveis (Steger & Kashdan, 2007). Os resultados indicaram estabilidade moderada para presença de sentido de vida, busca de sentido de vida e satisfação com a vida (Steger & Kashdan, 2007).

Kleftaras e Psarra (2012) realizaram um estudo com o objetivo de examinar a relação do sentido na vida e suas relações com a depressão e a saúde psicológica geral, bem como as diferenças quanto ao significado da vida entre indivíduos com sintomatologia depressiva baixa, moderada e alta com 401 homens recém-recrutados durante seu treinamento básico na Marinha do Exército (idades variando de 18 a 30 anos), dos quais 182 eram adultos emergentes (18-24 anos) e 216 eram adultos jovens (25-29+ anos). Os resultados indicaram uma relação negativa entre sentido na vida e saúde psicológica geral, sintomas somáticos, ansiedade, distúrbios do sono, disfunção social e depressão grave. Além disso, os indivíduos com mais sentido na vida diferiram significativamente em todos os fatores acima daqueles com menos sentido na vida, apresentando escores melhores em sua saúde mental geral.

García-Alandete et al. (2018) realizaram um estudo com o objetivo de investigar a relação entre sentido na vida e bem-estar psicológico com adultos emergentes espanhóis (com idades variando de 17 a 25 anos). Os resultados dessa investigação indicaram uma relação alta e positiva entre sentido na vida e bem-estar psicológico, autoaceitação e propósito, bem como uma associação moderada entre sentido na vida e domínio ambiental, crescimento pessoal, relações positivas e autonomia. Dezutter et al. (2014) realizaram uma pesquisa com uma amostra de 8.492 adultos emergentes, que completaram medidas em sentido na vida e funcionamento psicossocial positivas e negativas. Os resultados desse estudo indicaram que participantes com perfis altos em sentido na vida mostraram um funcionamento psicossocial mais adaptativo, enquanto os participantes com perfis com sentido na vida ausente mostraram um funcionamento psicossocial mal adaptativo.

Os resultados dos estudos apresentados enfatizam que sentido na vida pode ser considerado uma variável significativa devido à sua importância específica nos processos de crescimento pessoal e autorrealização, bem como sua relação com outras variáveis psicológicas relacionadas ao crescimento pessoal, saúde mental e bem-estar psicológico. Promover sentido na vida na idade adulta emergente pode fortalecer o compromisso com a própria vida e os desafios sociais, bem como pode proteger contra comportamentos de risco e propiciar um funcionamento mental mais positivo.

### **Considerações Finais**

O objetivo deste estudo teórico foi apresentar a importância do sentido na vida para o desenvolvimento sadio de adultos emergentes e contribuir para as discussões sobre essa temática à luz da psicologia do desenvolvimento. Não há dúvidas de que a adulterez emergente acontece no Brasil e que ela apresenta especificidades em função das características socioeconômicas de nosso país que a diferem da forma como ela ocorre em outros países. Os fenômenos da geração canguru e do ninho cheio são exemplos de como a adulterez emergente tem sido vivenciada no Brasil. Além disso, outro aspecto que parece ser determinante para a vivência desse período é o nível socioeconômico.

Independentemente da forma como ela ocorre, a adulterez emergente é uma realidade da sociedade contemporânea, permeada por desafios concernentes à entrada no mundo adulto, cuja vivência pode ser mais ou menos saudável. Neste estudo, chamou-se atenção para o fato de que a presença do senso de sentido na vida em adultos emergentes está relacionada a processos de crescimento pessoal, autorrealização e funcionamento mental positivo e que promover sentido na vida nessa população pode fortalecer o compromisso com a própria vida e proteger contra comportamentos de risco.

Deve-se destacar que este estudo teórico não teve a pretensão de encerrar as discussões sobre as temáticas apresentadas. O que se pretendeu foi sistematizar elementos teóricos concernentes à compreensão da adultez emergente, especialmente no contexto brasileiro, e apresentar as contribuições que o senso de sentido na vida podem trazer para a saúde mental dessa população. Assim, uma vez que a adultez emergente pode ser considerada um período do desenvolvimento humano característico da contemporaneidade, as discussões aqui apresentadas visam contribuir com o campo da psicologia do desenvolvimento no país.

O conhecimento sistematizado neste estudo pode ajudar psicólogos e outros profissionais de saúde a melhor compreenderem a adultez emergente e a pensarem sobre a possibilidade de inserir a temática sentido na vida em suas práticas com essa população. Nesse sentido, para além da investigação sobre a presença ou ausência do sentido na vida ou sobre sua associação com outras variáveis, é preciso promover estratégias efetivas que promovam o desenvolvimento desse construto. Sugere-se, portanto, que intervenções que levem em conta as especificidades da adultez emergente no contexto brasileiro com foco no sentido na vida sejam realizadas, a fim de contribuir para a prevenção e a promoção de saúde mental nessa população.

### Referências

- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of youth studies*, 9(1), 111-123. <https://doi.org/10.1080/13676260500523671>
- Arnett, J. J. (2011). Emerging adulthood(s): The cultural psychology of a new life stage. In J. A. Lene, (Ed.), *Bridging cultural and developmental approaches to psychology: New synthesis in theory, research, and theory* (pp. 255-275). University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199757176.001.0001>
- Arnett, J., Žukauskienė, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18-29 years: Implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 1(7), 569-576. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(14\)00080-7](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(14)00080-7)
- Arnett, J. J., Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2018). Adultez emergente: A proposta de uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta no Brasil. In: L. Dutra-Thomé, A. S. Pereira, S. Nuñez, & S. H. Koller (Eds.), *Adultez emergente: A proposta de uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta no Brasil* (pp. 13-23). Vetor.
- Aspesi, C., Dessen, M., & Chagas, J. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: Uma perspectiva interdisciplinar. In: M. Dessen & Á. Costa Jr. (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano. Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 19-36). Artmed.
- Baggio, S., Studer, J., Iglesias, K., Daeppen, J. B., & Gmel, G. (2017). Emerging adulthood: A time of changes in psychosocial wellbeing. *Evaluation & the Health Professions*, 40(4), 383-400. <https://doi.org/10.1177/0163278716663602>
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313. <https://doi.org/10.14417/ap.568>
- Bynner, J. (2005). Rethinking the youth phase of the life-course: The case for emerging adulthood? *Journal of Youth Studies*, 8(4), 367-384. <https://doi.org/10.1080/13676260500431628>
- Camarano, A. A., Mello, J. L., Pasinato, M. T., & Kanso, S. (2004). Pathways towards adulthood: Brazilian youth's multiple trajectories. *Última década*, 12(21), 11-50. <https://doi.org/10.4067/S0718-22362004000200002>

- Côté, J. E., & Bynner, J. M. (2008). Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada: The role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies, 11*(3), 251-268. <https://doi.org/10.1080/13676260801946464>
- Curtis, W. J., & Cicchetti, D. (2003). Moving research on resilience into the 21st century: Theoretical and methodological considerations in examining the biological contributors to resilience. *Development and Psychopathology, 15*(3), 773-810. <https://doi.org/10.1017/S0954579403000373>
- Damáσιο, B. F., & Koller, S. H. (2015). Meaning in life questionnaire: Adaptation process and psychometric properties of the Brazilian version. *Revista Latinoamericana de Psicologia, 47*(3), 185-195. <https://doi.org/10.1016/j.rlp.2015.06.004>
- Dasen, P. R. & Mishra, R. C. (2000). Cross-cultural views on human development in the third millennium. *International Journal of Behavioral Development, 24*(4), 428-434. <https://doi.org/10.1080/016502500750037973>
- Dezutter, J., Waterman, A. S., Schwartz, S. J., Luyckx, K., Beyers, W., Meca, A., Kim, S. Y., Whitbourne, S. K., Lee, R. M., Hardy, S. A. Forthun, L. F., Ritchie, R. A., Weisskirch, R. S., Brown, E. J., & Caraway, S. J. (2014). Meaning in life in emerging adulthood: A person-oriented approach. *Journal of Personality, 82*(1), 57-68. <https://doi.org/10.1111/jopy.12033>
- Dogan, T., Sapmaz, F., Tel, F. D., Sapmaz, S., & Temizel, S. (2012). Meaning in life and subjective well-being among Turkish university students. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 55*(5), 612-617. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2012.09.543>
- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. H. (2014). Emerging adulthood in Brazilians of differing socioeconomic status: Transition to adulthood. *Paidéia, 24*(59), 313-322 <https://doi.org/10.1590/1982-43272459201405>
- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. (2019). Emerging adulthood features in Brazilians from differing socioeconomic status. *Acta de Investigación Psicológica, 9*(3), 56-66. <https://doi.org/10.22201/fpsi.20074719e.2019.3.322>
- Dutra-Thomé, L., Pereira, A. S., & Koller, S. H. (2016). O desafio de conciliar trabalho e escola: Características sociodemográficas de jovens trabalhadores e não-trabalhadores. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32*(1), 101-109. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016011944101109>
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crises*. Zahar.
- Facio, A., Resett, S., Micocci, F., & Mistrorigo, C. (2007). Emerging adulthood in Argentina: An age of diversity and possibilities. *Child Development Perspectives, 1*(2), 115-118. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2007.00025.x>
- Frankl, V. E. (1963). *Man's search for meaning: An introduction to logotherapy*. Washington Square Press.
- Frankl, V. E. (2010). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Sinodal; Vozes. (Originalmente publicado em 1946).
- Galambos, N. L., & Martínez, M. L. (2007). Poised for emerging adulthood in Latin America: A pleasure for the privileged. *Child Development Perspectives, 1*(2), 119-114. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2007.00024.x>
- García-Alandete, J. (2014). Does meaning in life predicts psychological well-being? An analysis using a Spanish version of the Purpose-in-Life Test and the Ryff's scales (English). *The European Journal of Counselling Psychology, 3*(2), 89-98. <https://doi.org/10.5964/ejcop.v3i2.27>
- García-Alandete, J., Marco, J. H., & Pérez, S. (2014). Predicting role of meaning in life on depression, hopelessness, and suicide risk among borderline personality disorder patients. *Universitas Psychologica, 13*(4), 15-25. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY13-4.primi>
- García-Alandete, J., Martínez, E. R., Nohales, P. S., & Lozano, B. S. (2018). Meaning in life and psychological well-being in spanish emerging adults. *Acta Colombiana de Psicología, 21*(1), 196-205. <https://doi.org/10.14718/ACP.2018.21.1.9>

- Garcini, L. M., Short, M. B., & Norwood, W. D. (2013). Affective and motivational predictors of perceived meaning in life among college students. *The Journal of Happiness & Well-Being, 1*(2), 47-60. <https://doi.org/10.5964/ejcop.v3i2.27>
- Gottlieb, B. H., Still, E., & Newby-Clark, I. R. (2007). Types and precipitants of growth and decline in emerging adulthood. *Journal of Adolescent Research, 22*(2), 132-155. <https://doi.org/10.1177/0743558406298201>
- Heintzleman, S. J., & King, L. A. (2014). (The feeling of) Meaning-as-information. *Personality and Social Psychology Review, 18*(2), 153–167. <https://doi.org/10.1177/1088868313518487>
- Henriques, C. R., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). A “geração canguru”: Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico, 35*(2), 195-205.
- Hill, P. L., Edmonds, G. W., Peterson, M., Luyckx, K., & Andrews, J. A. (2016). Purpose in life in emerging adulthood: Development and validation of a new brief measure. *Journal of Positive Psychology, 11*(3), 237-245. <https://doi.org/10.1080/17439760.2015.1048817>
- Kessler, R. C., Adler, L. A., Barkley, R., Biederman, J., Conners, C. K., Faraone, S. V., Greenhill, L. L., Jaeger, S., Secnik, K., Spencer, T., Ustün, T. B., & Zaslavsky, A. M. (2005). Patterns and predictors of attention-deficit/hyperactivity disorder persistence into adulthood: Results from the national comorbidity survey replication. *Biological Psychiatry, 57*(11), 1442-1451.
- King, L. A., Hicks, J. A., Krull, J. L., & Del Gaiso, A. K. (2006). Positive affect and the experience of meaning in life. *Journal of Personality and Social Psychology, 90*(1), 179–196. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.1.179>
- Kins, E., Beyers, W., Soenens, B., & Vansteenkiste, M. (2009). Patterns of home leaving and subjective well-being in emerging adulthood: The role of motivational processes and parental autonomy support. *Developmental Psychology, 45*(5), 1416-1429. <https://doi.org/10.1037/a0015580>
- Klefaras, G., & Psarra, E. (2012). Meaning in life, psychological well-being, and depressive symptomatology: A comparative study. *Psychology, 3*(4), 337-345. <https://doi.org/10.4236/psych.2012.34048>
- Kleiman, E. M., & Beaver, J. K. (2013). A meaningful life is worth living: Meaning in life as a suicide resiliency factor. *Psychiatry Research, 210*(3), 934-939. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2013.08.002>
- Krok, D. (2018). When is meaning in life most beneficial to young people? Styles of meaning in life and well-being among late adolescents. *Journal of Adult Development, 25*, 96-106. <https://doi.org/10.1007/s10804-017-9280-y>
- Kublikowski, I & Rodrigues, C. (2016). "Kangaroo generations": New contexts, new experiences. *Estudos de Psicologia (Campinas), 33*(3), 535-542. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000300016>.
- Leme, V. B. R., Coimbra, S., Dutra-Thomé, L., Braz, A. C., de Moraes, G. A., Falcão, A. O., & Fontaine, A. M. (2021). Preditores das crenças de autoeficácia de jovens frente aos papéis de adulto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 37*, e373513. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e373513>
- Magnusson, D., & Cairns, R. (1996). Developmental science: Toward a unified framework. In R. B. Cairns, G. H. Elder Jr., & E. J. Costello (Eds.), *Developmental science* (pp.7-30). Cambridge University Press.
- Masten, A., Obradovic, J., & Burt, K. E. (2006). Resilience in emerging adulthood. In: J. J. Arnett, & J. L. Tanner (Eds.), *Coming of age in the 21st century: The lives and contexts of emerging adults* (pp. 173–190). American Psychological Association.
- Mayselless, O., & Keren, E. (2014). Finding a meaningful life as a developmental task in emerging adulthood: The domains of love and work across cultures. *Emerging Adulthood, 2*(1), 63-73. <https://doi.org/10.1177/2167696813515446>

- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A.M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: Adaptação do Questionário de Marcadores da Aduldez junto de jovens Portugueses. *Psychologica*, (51), 147-168. [https://doi.org/10.14195/1647-8606\\_51\\_10](https://doi.org/10.14195/1647-8606_51_10)
- Mendonça, M. & Fontaine, A. M. (2013). Perception mutuelle des relations entre les jeunes adultes et leurs parents: Distance, appui et conflit. *La Revue Internationale de l'Éducation Familiale*, 33(1), 59-84. <https://doi.org/10.3917/rief.033.0059>
- Monteiro, S., Tavares, J. & Pereira, A. (2009). Adultez emergente: Na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @ mbienteeducação*, 2(1), 129-137. <https://doi.org/10.26843/v2.n1.2009.545.p129%20-%20137>
- Murray, C. (2003). Risk factors, protective factors, vulnerability, and resilience: A framework for understanding and supporting the adult transitions of youth with high-incidence disabilities. *Remedial and Special Education*, 24(1), 16-26. <https://doi.org/10.1177/074193250302400102>
- Niquice, F. L. A., Farias, B. G., & Nuñez, S. (2018). Adultez emergente em situações de risco e vulnerabilidade social. In L. Dutra-Thomé, A. S. Pereira, S. Nuñez, & S. H. Koller (Eds.), *Adultez emergente: A proposta de uma nova perspectiva desenvolvimental sobre a transição para a vida adulta no Brasil* (pp. 239-251). Vetor.
- Nuñez, S., Dutra-Thomé, L., Koller, S. (2021). What do you really want? Change in goals and life satisfaction during emerging adulthood in Brazil. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 53, 30-36. <https://doi.org/10.14349/rfp.2021.v53.4>
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2015). Health at a glance 2015: OECD Indicators.
- Psarra, E., & Kleftras, G. (2013). Adaptation to physical disabilities: The role of meaning in life and depression. *The European Journal of counselling psychology*, 2(1), 79-99. <https://doi.org/10.23668/psycharchives.2001>
- Reker, G. T., & Wong, P. T. P. (2012). Personal meaning in life and psychosocial adaptation in the later years. In P. T. P. Wong (Ed.), *The human quest for meaning: Theories, research, and applications* (2nd ed., pp. 433-456). Routledge.
- Santos, M. C. J., Magramo, C., Jr., Oguan, F., Jr., Paat, J. N. J., & Barnachea, E. A. (2012). Meaning in life and subjective well-being: Is a satisfying life meaningful?. *Researchers World: Journal of Arts, Science & Commerce*, 3(4), 32-40.
- Schulenberg, J. E., Sameroff, A. J., & Cicchetti, D. (2004). The transition to adulthood as a critical juncture in the course of psychopathology and mental health. *Development and Psychopathology*, 16(4), 799-806. <https://doi.org/10.1017/S0954579404040015>
- Smetana, J.G. (2010). *Adolescents, families, and social development: How teens construct their worlds*. John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781444390896>
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia, Campinas*, 23(4), 441-453. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000400012>
- Steger, M. F. (2012). Experiencing meaning in life: Optimal functioning at the nexus of well-being, psychopathology, and spirituality. In P. T. P. Wong (Ed.), *The human quest for meaning: Theories, research, and applications* (pp. 165-184). Routledge.
- Steger, M. F., & Kashdan, T. B. (2007). Stability and specificity of meaning in life and life satisfaction over one year. *Journal of Happiness Studies*, 8(2), 161-179. <https://doi.org/10.1007/s10902-006-9011-8>
- Steger, S. M., Oishi, S., & Kashdan, T. B. (2009) Meaning in life across the life span: Levels and correlates of meaning in life from emerging adulthood to older adulthood. *The Journal of Positive Psychology*, 4(1), 43-52. <https://doi.org/10.1080/17439760802303127>

- Steger, M. F., Oishi, S., & Kesebir, S. (2011). Is a life without meaning satisfying? The moderating role of the search for meaning in satisfaction with life judgments. *The Journal of Positive Psychology*, 6(3), 173-180. <https://doi.org/10.1080/17439760.2011.569171>
- Vieira, A. C. S., & Rava, P. G. S. (2012). Ninho cheio: Perspectivas de pais e filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(1), 84-96.
- Zhong, J., & Arnett, J. J. (2014). Conceptions of adulthood among migrant women workers in China. *International Journal of Behavioral Development*, 38(3), 255-265. <https://doi.org/10.1177/0165025413515133>

### Como Citar:

Gobbo, J. P., & Dellazzana-Zanon, L. (2023). Sentido na vida na adultez emergente: Contribuições para a psicologia do desenvolvimento. *Revista Subjetividades*, 23(2), e12968. <https://10.5020/23590777.rs.v23iEsp.1.e12968>

---

### Endereço para correspondência

Jessica Particelli Gobbo  
E-mail: [jessicaparticelli@hotmail.com](mailto:jessicaparticelli@hotmail.com)

Leticia Dellazzana-Zanon  
E-mail: [leticiadellazzana@gmail.com](mailto:leticiadellazzana@gmail.com)



**Recebido:** 30.07.2021  
**Revisado:** 29.03.2022  
**Aceito:** 29.09.2022  
**Publicado:** 10.07.2023